

ASPECTOS DA CORTESIA VERBAL NO DISCURSO INFANTIL

Giovanna Wrubel Brants
(FFLCH/USP)

RESUMO. Neste trabalho, refletiremos sobre a questão da cortesia verbal (ou polidez linguística) no discurso infantil, inspirando-nos nos estudos de Brown e Levinson (1987), que retomam e ampliam a conceituação de *face* proposta por Goffman (1970). Para o sociólogo americano, a *face* pode ser entendida como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si. Assim, Brown e Levinson (op. cit.), a partir da teoria de ameaça/preservação das faces, diferenciam e caracterizam as diferentes estratégias linguísticas de cortesia/polidez da seguinte maneira: a) polidez positiva: quando se observa uma compensação em relação à face positiva do interlocutor, isto é, uma satisfação parcial das aspirações do interlocutor; b) polidez negativa: utilização de expressões com o intuito de se evitar imposições/contrariedades em relação ao interlocutor; c) polidez *off record*: representada por atos comunicativos indiretos, evasivos. Dessa forma, no presente trabalho, temos como objetivo examinar amostras de interações conversacionais — gravadas em áudio e posteriormente transcritas de acordo com as normas para transcrição do Projeto NURC/SP, presentes em Preti (1999) — entre um par de crianças de oito anos de idade, com o olhar voltado para a presença de estratégias de cortesia linguística. Dessa maneira, foi realizada uma análise de cunho qualitativo das estratégias observadas nas interações entre as crianças, no contexto de uma brincadeira (jogo de construção), e na presença da pesquisadora. Foi observado, no *corpus* analisado, que as crianças de oito anos demonstram capacidade para articular em seu discurso as estratégias de cortesia, bem como de participar ativamente do movimento de ameaça e preservação das *faces* em suas interações conversacionais.

Palavras-chave: cortesia linguística; discurso infantil; interação conversacional.

ABSTRACT. *In this work, we are going to reflect on the issue of verbal courtesy (or linguistic politeness) in child speech, inspiring us in the studies of Brown and Levinson (1987), which reproduce and extend the concept of face proposed by Goffman (1970). For the American sociologist, the face can be understood as the positive social value that a person claims for himself. Thus, Brown and Levinson (op. cit.), from the theory of threat / conservation of faces, differentiate and characterize the different linguistic strategies of courtesy / politeness as follows: a) positive politeness: when we observe a compensation for the interlocutor's positive face, i.e., a partial satisfaction of the aspirations of the speaker, b) negative politeness: the use of expressions in order to avoid*

oppositions for the speaker; c) politeness off record: represented by indirect/evasive communicative acts. Thus, in this work, we aim to examine samples of conversational interaction - recorded in audio and later transcribed according to the rules for transcription of the Project NURC / SP (PRETI, 1999) - between a pair of children of eight years old, with a look toward the presence of linguistic politeness strategies. We performed a qualitative analysis of the strategies observed in interactions between children, in a game (game of construction), on the presence of the researcher. It was observed in the corpus analysis, that children of eight years old show capacity to articulate in his speech the courtesy strategies and to participate actively in the movement of threats and preservation of the faces in their conversational interactions.

Keywords: *linguistic politeness; child discourse, conversational interaction.*

1. Introdução

É interessante observarmos que nas interações conversacionais espontâneas, os interlocutores, em geral, pretendem que sua imagem pública seja preservada, ou ainda que aquilo que eles desejam comunicar seja respeitado e valorizado, sem que sofram imposições. Assim, com o intuito de efetivar a auto-preservação de sua imagem, um falante pode utilizar recursos que tornem a interação com o outro mais equilibrada, de modo que se evitem as imposições/contrariedades tanto em relação à sua fala (e, mais amplamente, à sua pessoa), quanto em relação ao seu interlocutor. Um desses recursos é o da cortesia (ou polidez) linguística.

Dentre os estudos sobre polidez linguística, a teoria da preservação das faces, proposta por Brown e Levinson (1987), é a que se mostra mais claramente articulada. Os autores retomam e ampliam a conceituação de *face* proposta por Goffman (1970), para quem aquela poderia ser definida como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si. Assim, todo ser social possuiria uma face negativa e uma positiva:

a) face negativa: envolve a contestação básica aos territórios, reservas pessoais e direitos; em outras palavras, a liberdade de ação e liberdade de sofrer imposição.

b) face positiva: representa a auto-imagem definida ou personalidade (incluindo principalmente o desejo de que esta auto-imagem possa ser aprovada e apreciada) de que os interlocutores necessitam. (Brown e Levinson, 1987, p. 61).

Nessa direção, Brown e Levinson (op.cit), a partir da teoria de ameaça/preservação das faces, diferenciam e caracterizam as diferentes estratégias linguísticas de polidez da seguinte maneira:

- polidez positiva: quando se observa uma compensação em relação à face positiva do interlocutor, isto é, uma satisfação parcial das aspirações do interlocutor;
- polidez negativa: utilização de expressões com o intuito de se evitar imposições/contrariedades em relação ao interlocutor;
- polidez off record: representada por atos comunicativos indiretos, evasivos.

Os autores ainda exemplificam as estratégias linguísticas correspondentes a cada um dos três tipos de polidez. Assim, para que a polidez positiva esteja inscrita em um enunciado, pode-se lançar mão das seguintes iniciativas:

- Manifeste atenção ao interlocutor;
- Exagere na aprovação e simpatia pelo interlocutor;
- Intensifique seu interesse pelo interlocutor, por exemplo, recorrendo aos fáticos;
- Utilize marcadores de identidade intragrupo;
- Busque acordo com o interlocutor, repetindo parte do que ele diz, para mostrar que o entende e aprova;
- Evite discordância;
- Dê a entender que os conhecimentos são compartilhados;
- Pressuponha, assevere;
- Pressuponha familiaridade na relação locutor-interlocutor;
- Faça-lhe oferecimentos e promessas;
- Seja otimista;
- Inclua tanto locutor como interlocutor na atividade conversacional
- Dê ou peça razões, justifique-se;
- Reivindique reciprocidade;
- Satisfaça as aspirações e necessidades do interlocutor com presentes.

Para que a polidez negativa seja colocada em prática, os autores afirmam que as seguintes medidas podem ser tomadas:

- Seja convencionalmente indireto;
- Recorra aos modalizadores (hedges), isto é, seja evasivo, não se comprometa;
- Seja pessimista;
- Minimize a imposição;
- Mostre deferência;
- Peça desculpas;
- Impessoalize locutor e interlocutor para indicar que o locutor não quer impingir algo ao interlocutor;
- Afirme o FTA (ato ameaçador da face) como uma regra geral;
- Nominalize;
- Ofereça compensações.

Mas, caso o intuito seja utilizar a polidez *off record*, os autores apresentam as seguintes possibilidades:

- Forneça pistas e sugestões indiretas;
- Dê pistas de associação;
- Pressuponha;
- Minimize a expressão, isto é, não diga tudo;
- Exagere sua expressão (hipérbole);
- Recorra à tautologia;
- Recorra a contradições;
- Seja irônico;
- Use metáforas;
- Utilize perguntas retóricas;
- Seja ambíguo;
- Seja vago;
- Generalize;
- Faça uma substituição do destinatário;
- Recorra à elipse.

Há, contudo, uma importante distinção entre polidez e *atenuação*, de acordo com Fraser (1980). Enquanto a *atenuação* implica a redução dos efeitos indesejados daquilo que é dito para o

ouvinte, a polidez, por outro lado, refere-se a um fenômeno mais extenso, envolvendo a adequação do que foi dito pelo falante em determinado contexto. Atenuar significaria, assim, suavizar os efeitos de uma ordem, facilitar o anúncio de más notícias ou fazer uma crítica de modo mais aceitável.

Também é necessário reconhecermos que tipo de ato linguístico é capaz de produzir uma ameaça à face, positiva ou negativa, do interlocutor ou do próprio locutor. Dessa forma, Fraser (1990, p. 229-230) exemplifica os diferentes FTAs (Face Threatening Acts, ou, em português: atos ameaçadores da face), que podem ser:

- atos que ameaçam a face negativa do ouvinte (ex.: pedidos, avisos, ameaças, advertências);
- atos que ameaçam a face positiva do ouvinte (ex.: queixas, críticas, desaprovação, levantamento de assuntos “tabu”);
- atos que ameaçam a face negativa do falante (ex.: aceitar um oferecimento, aceitar um agradecimento, prometer relutantemente);
- atos que ameaçam a face positiva do falante (ex.: pedidos de desculpa, aceitar elogios, confessar-se).

A pesquisadora Pridham (2001) considera que, para estruturar claramente uma conversação, e para assegurar que a informação seja transmitida eficientemente, falantes e ouvintes trabalham juntos, utilizando o *princípio da cooperação* (cf. GRICE, 1982). Assim, em uma conversação cooperativa, os falantes trabalham conjuntamente de forma a tranquilizar e ajudar uns aos outros. Existem muitas técnicas usadas para mostrar concordância com o falante, com o objetivo de encorajar novas falas. Os falantes também checam constantemente se eles estão sendo compreendidos adequadamente, bem como modificam o que eles disseram a fim de melhorar a compreensão do interlocutor. Os falantes ainda podem compartilhar pressuposições mútuas e podem se unir em uma avaliação conjunta da conversação. A autora considera que, às vezes, o papel social de um falante lhe dá a autoridade para desafiar os outros, como acontece em uma relação adulto/criança. No entanto, existem maneiras de se apresentar o desafio que são mais ou menos aceitáveis pelo interlocutor que está sendo desafiado: estes métodos mostram a necessidade de se respeitar as convenções de polidez de cada cultura.

Pridham (op. cit.) afirma que, na prática, nós temos de fazer uma escolha e sustentar um balanço entre transmitir uma mensagem diretamente, o que deve desafiar alguém, e transmitir uma mensagem indiretamente, o que é mais polido, mas, algumas vezes, pode significar que a própria mensagem é perdida.

Na verdade, podemos escolher uma variedade de expressões que refletem diferentes graus de polidez e preservação de face. O comando direto: “feche a porta”, por exemplo, não respeita o direito da outra pessoa de ter controle sobre seu próprio corpo. Para a autora, comandos diretos como este são emitidos somente por pessoas de nível hierárquico superior em relação aos seus inferiores.

O número de esquivas ou fatores de polidez em um pedido ou comando é proporcional à quantidade de imposição que o falante sente que está praticando sobre o ouvinte. Assim, a frase: “se não for muito incômodo, quero dizer, se você não se importar, eu ficaria muito grato se você pudesse datilografar esta carta”, parece ridícula porque existem muitos fatores de polidez utilizados em relação à dificuldade da tarefa solicitada. Às vezes, para preservar a face, o falante faz um pedido tão impessoal e indireto quanto possível, como no exemplo: “se esta carta fosse datilografada, eu ficaria muito grato”.

Para Pridham (op. cit.), um falante também pode respeitar o sistema de valores do ouvinte insinuando que é um membro do grupo de seu interlocutor. Isto pode ser feito das seguintes maneiras:

1. Utilizando pronomes pessoais, como nós.
2. Utilizando o vocabulário do ouvinte.
3. Utilizando pseudo-concordâncias que evitam dizer “não” ou discordar do falante.

Lakoff (1998), nesse sentido, afirma que a comunicação de idéias, que alguns poderiam considerar como um aspecto mais sociológico que linguístico, produz-se por meios linguísticos. Portanto, o conteúdo pragmático de um ato de fala deveria ser considerado ao se determinar a sua aceitabilidade, da mesma forma como se tem feito em relação ao material sintático e, mais recentemente, ao material semântico. Nesse sentido, a autora resumiu a polidez em três máximas:

1. Não importune.
2. Ofereça alternativa ao ouvinte (dê opção).
3. Faça com que o ouvinte se sinta bem — comporte-se amigavelmente.

As máximas de polidez, de acordo com a pesquisadora, são universais. O que pode variar é o distinto predomínio de cada uma delas, de acordo com os costumes de cada cultura.

Tannen (1994, p.9) considera que existem estratégias linguísticas observadas nas interações que são capazes de refletir e de, ao mesmo tempo, criar o envolvimento interpessoal em uma conversação. Dentre tais estratégias, a autora ressalta a utilização da repetição, da criação de imagens pelos interlocutores para construir o sentido daquilo que está sendo comunicado e do diálogo — entendido aqui não como o diálogo em si, que seria a troca de turnos conversacionais, mas como a natureza polifônica de cada proferimento, de cada palavra. Assim, o diálogo seria construído por diferentes vozes (polifonia) a que os falantes se referem para construir o sentido da conversação e, simultaneamente, criar envolvimento interpessoal.

Contudo, algumas vezes, os participantes de uma conversação simplesmente não querem cooperar. Assim como existem técnicas para a cooperação, também existem métodos para se evitar a polidez ou a negociação — o que resulta em uma conversação do tipo não-cooperativa.

2. Objetivo e metodologia

No presente trabalho, o objetivo é verificar, nas interações conversacionais infantis, a presença de estratégias linguísticas vinculadas à cortesia verbal no discurso infantil. Com esse intuito, gravamos em áudio as interações conversacionais entre um par de crianças de oito anos de idade (um menino e uma menina), no decorrer de um evento lúdico (jogo de construção “Lego”), com a participação da pesquisadora. As crianças/sujeitos da pesquisa eram estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de São Paulo, vinculada a uma Universidade Estadual.

A gravação foi posteriormente transcrita de acordo com as *Normas para Transcrição* do Projeto NURC/SP, presentes em Preti (1999). A seguir, as amostras de interação conversacional entre as crianças e a pesquisadora, provenientes da transcrição mencionada, serão analisadas qualitativamente.

3. Análise qualitativa das amostras de interação conversacional selecionadas.

As crianças Mariana (Ma) e Gabriel (Ge) iniciam uma discussão com a pesquisadora (P), para decidirem o que iriam construir com o brinquedo *Lego*, como observamos no exemplo 1, a seguir:

Exemplo 1

Ma- já sei... pode fazer uma casa?

P- vocês têm que entrar num acordo ((exclamando))

Ge- não pode fazer um navio?... casa é muito (fácil)

P- o Gabriel prefere o navio e a Mariana a casa...é isso?

Ma- já se::i::: ((efusiva))

P- ahn?

Ma- a gente faz uma casa e um navio::

P- pode ser... desde que façam juntos... tá?...porque é assim... não é pra um fazer a casa e o outro fazer o navio...

Ma- tá

P- o importante é um ajudar o outro... tá bom Gabriel?

Ge- ((gesto afirmativo))

P- tudo bem então... uma casa e um navio... ótimo... aí os dois entram num acordo... né? ((risos))

No exemplo 1, (Ma) inicia a discussão propondo que deveria ser construída uma casa, utilizando o argumento de que seria mais fácil, a fim de atenuar a sua proposta. (P) lembra que os jogadores deveriam entrar num acordo sobre o que deveria ser construído. (Ge), no entanto, utiliza uma estratégia de polidez negativa (evitando a ameaça à face negativa da colega) ao indagar se não poderia ser feito um navio. Nesse caso, a própria interrogação reflete a cortesia verbal do enunciado, uma vez que nada é imposto por (Ge): ao invés de impor aos seus interlocutores o que realmente queria construir, ele pergunta a (P) se eles *poderiam* construir o navio. Observamos que (P) evita dar uma solução pronta para o conflito, deixando que as próprias crianças busquem o acordo; é o que acontece: (Ma), de forma efusiva (que é manifestada pelos prolongamentos de vogais) propõe um acordo – eles poderiam fazer uma casa e um navio. Esta proposta também caracteriza uma estratégia de polidez positiva, uma vez que a solução encontrada preservaria a face positiva de ambos os interlocutores. Assim, as duas crianças ficariam satisfeitas. (P) concorda, mas ameaça a face negativa das crianças: “*pode ser... desde que façam juntos...*”, e utiliza o marcador conversacional “*tá?...*”, para buscar a confirmação das

crianças e, ao mesmo tempo, para realizar uma *atenuação* do seu enunciado. (Ma) e (Ge) concordam – (Ma) marca a sua concordância com o mesmo marcador conversacional, “tá”, e (Ge) com o marcador conversacional paralingüístico (gesto afirmativo) - e imediatamente começam a construir a casa.

Os exemplos 2, 3 e 4, a seguir, refletem o engajamento das duas crianças na atividade de construção da casa, seguindo as regras propostas por um folheto de instruções que acompanhava o brinquedo *Lego*.

Exemplo 2

Ma – espera aí... agora a gente já fez essa PA::rte

Ge - aqui só tem isso?

Ma – não...tem um preto

Ge- então...agora é CINco...aqui...isso daqui olha (referindo-se à parte cinco do modelo de construção da casa))

Ma – ah:::

Ge- vai colocando a parte de cima que eu vou colocando a de baixo

Exemplo 3

Ge- agora a seis... não::... não põe ali do lado

Ma- é sim... só um ((refere-se à peça que deveria ser colocada ao lado da casa))

Ge- ah... é

Exemplo 4

Ge- a parte seis a gente pega esse aqui e põe aqui::

Ma - toma esse

Ge- é esse OLHA

Ma- não... não é esse

Nos três exemplos anteriores, observamos que as crianças se encontram realmente inseridas no contexto de construção da casa, de acordo com o modelo proposto no folheto do brinquedo. Há acordo no plano do jogo/brincadeira, que se reflete no acordo do plano conversacional/interativo. Observamos um jogo mútuo de ameaças às faces entre as crianças. Estas ameaças são marcadas, em geral, por advérbios de tempo ou de lugar, que funcionam como indicadores do próximo passo a ser tomado na brincadeira: “*agora a seis*”, “*aqui olha*”, etc. Os eventuais desacordos que surgem são logo solucionados, uma vez que a intenção das duas crianças é cooperar uma com a outra para que a casa seja construída.

No exemplo 5, todavia, o desafio do próprio jogo se torna maior, e o aparente equilíbrio da interação pode ser deslocado para o conflito.

Exemplo 5:

P- agora o navio vocês dão uma olhadinha e constroem sozinhos

Ge- a gente pode ficar olhando?... não tem passo a passo do navio

P- ah:: tem um pouco...sabe o que a Giovanna e o Marx fizeram?...eles não fizeram exatamente assim... eles fizeram uma canoa... tem vários tipos

Ge- vamos fazer um jacaré? vamos fazer um jacaré?

P- é... o que vocês preferem?... não precisa ser um barco

Ma- um jacaré porque é mais fácil de fazer

P- sem olhar NÉ?... então tá

Ge e Ma- ((gesto afirmativo))

Ge- espera aí então...vamos pegar já as peci::nhas

A pesquisadora (P), agora, opta por propor uma nova regra: as crianças deveriam construir o navio sem olhar o modelo proposto no folheto de instruções. (Ge), no entanto, tenta negociar com (P): “a gente pode ficar olhando?... não tem passo a passo do navio”. Mais uma vez (Ge) marca a polidez negativa do seu enunciado através de uma indagação sobre o que eles *poderiam* fazer, seguida de uma argumentação. (P), a fim de estimular a negociação entre as próprias crianças, não concorda com o argumento de (Ge) e afirma que havia, sim, um pouco das instruções “passo a passo” no folheto. Nesse sentido, propõe uma alternativa: não precisaria ser um navio exatamente como o que aparecia na foto do folheto. Eles poderiam criar outros tipos de embarcações, assim como outras crianças que participaram da pesquisa fizeram.

(Ge), dessa forma, faz uma proposta inusitada: construir um jacaré. O menino marca a sua empolgação com a idéia, bem como a tentativa de persuadir a colega, através da repetição da oração interrogativa: “vamos fazer um jacaré? vamos fazer um jacaré?”. Aqui, novamente, (Ge) preserva a face negativa da colega através da “não imposição” de suas vontades. Ele pergunta, ao invés de simplesmente demonstrar o que quer. (Ma) concorda, já que ela considera que seria mais fácil para construí-lo. Sendo assim, as duas crianças iniciam a construção, concordando com a pesquisadora em não olhar para o modelo do folheto.

4. Considerações Finais

Nestes exemplos de interação entre crianças de oito anos, verificamos o seu total engajamento no propósito do jogo. (Ma), por exemplo, buscava sempre o caminho mais fácil para que a atividade fosse concluída, evitando possíveis conflitos com o seu interlocutor. Ficou evidente também a presença do jogo de ameaça e preservação das faces entre as crianças, sem que tal fato culminasse em um conflito. Isso influenciou, certamente, a ausência de desacordos difíceis de serem solucionados, o que limitou a necessidade da utilização de estratégias de polidez linguística positiva entre os interlocutores. No entanto, verificamos, em três momentos, a emergência da estratégia de polidez negativa no discurso do menino (Ge), com o intuito de se evitar imposições ao interlocutor.

Para Brown e Levinson (1987), há três parâmetros que determinam o esforço necessário para a mobilização dos atos de ameaça/preservação da face: o grau de imposição representado pelo ato de ameaça à face; o grau de distância social entre o falante e o interlocutor; e a diferença de poder entre o falante e o interlocutor. Nesse sentido, considerando que as crianças eram colegas de classe da mesma escola, tinham a mesma idade, eram pertencentes à mesma classe social, e estavam engajadas em uma atividade lúdica cooperativa, a necessidade de preservar mutuamente as suas faces (negativas ou positivas) foi minimizada.

Referências bibliográficas

BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FRASER, Bruce. Conversational Mitigation. In: *Journal of Pragmatics*, n. 4, p. 341-350, 1980.

_____ Perspectives on Politeness. In: *Journal of Pragmatics*, n. 14, p. 219-236, 1990.

GOFFMAN, E. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da Lingüística*. Campinas: Ed. Particular, vol. IV – Pragmática, 1982.

LAKOFF, Robin. Lá Lógica de la cortesía, o acuérdate de dar las gracias. In: JULIO, M. T. & MUÑOZ, R. (Org.) *Textos Clásicos de Pragmática*. Madrid: Ed. Arco/Libros, 1998.

PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

PRIDHAM, Francesca. Negotiation and interaction. In: *The Language of Conversation*. London: Routledge. p. 45-57, 2001.

TANNEN, Deborah. *Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.